

EM QUE MEDIDA O CONTEXTO DE OPRESSÃO À MULHER NA PERIFERIA SURGE COMO REFLEXO SOCIAL LATENTE E TEMÁTICO NA COMPOSIÇÃO DE UM OBJETO ESTÉTICO EM PESQUISAS ACADÊMICAS REALIZADAS DE TEATRO EM COMUNIDADE

MAIARA SILVEIRA DE OLIVEIRA¹; ALINE CASTAMAN²

¹ Faculdade de Licenciatura em Teatro UFPEL – maiarasilvo@gmail.com

² Faculdade de Licenciatura em Teatro UFPEL – alinecastaman@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho busca explorar e questionar o papel das mulheres no contexto periférico brasileiro e analisar as maneiras pelas quais o Teatro na Comunidade pode ser inserido num trabalho de reconhecimento desses corpos. Este questionamento surgiu a partir da vivência que Maria Amélia Gimmer Netto e Márcia Pompeo Nogueira relatam em *Historicizando o Teatro em Comunidade*, artigo realizado dentro do Projeto de Pesquisa “Relações entre a codificação freireana e o distanciamento brechtiniano na prática de teatro em comunidade” orientado pela Professora Dra. Márcia Pompeo Nogueira, do Departamento de Artes Cênicas do CEART/UDESC, publicado em 2010.

No decorrer do artigo entendemos como as pesquisadoras Maria Amélia Gimmer Netto e Márcia Pompeo Nogueira promoveram uma experimentação do conceito de historicização a partir da realização de uma peça teatral, “Vida Loka”, criada por adolescentes da comunidade de Nova Esperança, em Santa Catarina. Para as autoras, “o teatro historicizante permite a reflexão sobre o comportamento social e possibilita que a representação se torne um estímulo ao questionamento da realidade.” (NETTO; NOGUEIRA, 2010.)

O objetivo deste trabalho é pensar no papel do teatro historicizante enquanto objeto de reflexão da realidade periférica, suscitando um paralelo da narrativa criada em “Vida Loka” com a realidade da mulher na periferia brasileira, mais precisamente, na periferia da comunidade Nova Esperança.

Para pensar no teatro historicizante, descorro acerca de dois termos: a descodificação freireana (FREIRE, 1977) e o distanciamento brechtiniano (BRECHT, 1967).

2. METODOLOGIA

Este trabalho analisa o projeto que Maria Amélia e Márcia Pompeo relatam em seu artigo *Historicizando o teatro em comunidade*, onde iniciaram o processo após uma análise sobre o que era necessário abordar com aquele grupo de jovens da comunidade de Nova Esperança, propondo uma experimentação do conceito de historicização a partir da realização de uma peça teatral.

A peça teatral “Vida Loka” acontece em torno da personagem Kely, personagem essa que reflete o lugar da mulher adolescente na periferia. Através de diálogo e questionamentos, as autoras foram criando cenas baseadas nos relatos e opiniões de adolescentes com idades entre treze e dezoito anos, que participavam do projeto.

Os estudos de Gimmer e Pompeo (2010, p.110) partem da ideia de relacionar o que está sendo mostrado nas cenas com a realidade da comunidade, assim como já proposto por Brecht. Para isso, em “Historicizando o Teatro em

comunidade”, Gimmer e Pompeo discorrem a respeito dos conceitos de distanciamento, de Brecht, e de codificação, de Freire.

O distanciamento brechtiniano tem por objetivo provocar reflexões e questionamentos tanto no espectador, como naquele que participa ativamente do processo, a respeito das relações dos homens, estimulando-se dessa forma, o desenvolvimento de um pensamento crítico.

“O diretor e o dramaturgo alemão propõe um espectador ativo, que consiga olhar criticamente para a sua realidade, pois o homem deve ser visto como um ser em processo, capaz de transformar-se e de transformar o mundo. ” (SILVEIRA E MUNIZ, 2013)

A codificação freireana, por sua vez, representa a maneira como o sujeito se coloca no mundo, fazendo uma análise crítica da situação codificada, em busca de uma decodificação. Para que a decodificação aconteça, é preciso, primeiramente, reconhecer a situação codificada, para depois disso, analisá-la.

“Freire empreende um processo educativo, cultural e político para que o educando, aquele que foi excluído e que por isso não teve condições de reconhecer o valor da própria vida, torne-se sujeito da sua própria prática, do seu próprio reconhecimento, reconhecendo-se pelo olhar dos outros que, na comunidade de oprimidos como ele, puseram-se a caminho de superar sua condição de dominados, assumindo-se como capazes de transformar as condições que negavam a sua humanidade. ” (CASALI, 2008)

Esses são conceitos determinantes no processo dentro da comunidade de Nova Esperança, pois é a partir deles que os jovens criaram a história de Kely. A codificação entra nesse processo a partir de imagens que representam fragmentos da realidade dessa comunidade, a partir das quais foram criadas improvisações. A partir disso, o distanciamento é utilizado como mecanismo para problematizar e questionar as escolhas dos jovens em cada improvisação, construindo, desta forma, uma visão crítica desses jovens sobre suas próprias escolhas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Penso que o fato de Kely ser personagem principal da peça criada pelos jovens, não é uma casualidade. A personagem assume a posição de protagonista, por essa ser uma metodologia que aborda as opressões daquela comunidade, dessa forma, não é surpresa que a principal receptora da opressão seja uma mulher periférica. A metodologia usada por Gimmer e Pompeo são instrumentos de investigação para a revelação das opressões que mais afetavam, naquele momento, a comunidade de Nova Esperança.

“Como vive uma adolescente que mora na periferia da cidade, hoje? Quais são seus dilemas e suas opções de vida? As coisas sempre foram assim? Sempre pelas mesmas razões? Buscando os mesmos resultados? É o homem que faz a história? O que pode ser mudado? ”

Foi a partir de questionamentos que as autoras imprimiram um retrato da sociedade, em forma de espetáculo. Começaram a criar a peça “Vida Loka” a partir de objetos de indagação retirados dos relatos abordados pelo grupo.

Criaram a partir destas perguntas três cenas: a primeira, mostrando a situação familiar de Kely e o seu conflito com a mãe, que fazem com que Kely saia de casa; a segunda, onde Kely descobre estar grávida, e conta ao namorado,

que foge para não assumir o filho; a terceira, representa a relação do jovem com a droga.

“As mães têm preferências por suas filhas? E as filhas, gostam de ser preferidas? Elas se revoltam se não são? Pode-se mudar esta relação? Qual o papel do pai? Todas as famílias têm problemas de relacionamento? A comida é um problema? Costuma faltar comida na casa das famílias? O que leva a filha a se rebelar? Qual o futuro da filha que é discriminada na família? Esta briga se repete todos os dias? Meninas sempre engravidam de meninos? Kely sabia que poderia engravidar? Ela queria? Romário amava Kely? Que tipo de relação existia entre os dois? Há quanto tempo se conheciam? Onde transavam? Eles usavam preservativos? Os dois tinham prazer? Ela “gozava”? Por que ele foge? Quem vende a droga e quem lucra com ela? Quem se do bem com as drogas? Por quanto tempo? Quem mais sofre com a droga? Kely sabia que drogas viciam? Ela sabia que teria que pagar pela droga? Por que comprava se não tinha dinheiro? Quais as opções que Kely teria ao saber que estava grávida? Ela teria o filho? E o criaria sozinho? Ela tentaria tirar o filho? ”

Estes foram alguns questionamentos que Gimmer e Pompeo utilizaram como recurso para criar o espetáculo, ao passo que os jovens pudessem refletir e criar seus pensamentos críticos a respeito dos fatos, que implicitamente estavam incluídos em seus cotidianos.

Essas questões, juntamente com as respostas que as autoras adquiriram, revelam a realidade da mulher periférica representada então, por Kely.

A mulher periférica passa a ser reconhecida durante o processo. Essa mulher carrega o peso de uma sociedade. Ela vive abaixo da sociedade. É na classe dos miseráveis que ela se encontra. Porém, além de miserável, ela é mulher. Sexualizada, objetificada, invisibilizada.

O aprofundamento do reflexo de Kely sobre a realidade é cedida, de forma breve pelas respostas dos próprios jovens da comunidade Nova Esperança. Kely representa a mulher periférica: Aquela que sai de casa em busca de emprego, porém se prostitui para poder sobreviver. Aquela carente não somente de comida, mas de afeto e atenção. Aquela que não queria engravidar, mas transou sem camisinha. Aquela que sabia que a droga viciava e mesmo assim usava. Aquela que não tinha dinheiro para comprar drogas, mas pagava para o traficante de outras formas. Aquela que decide ter o filho, mesmo sozinha. Aquela que decide abortar.

Gimmer e Pompeo utilizaram da Pedagogia do Oprimido, juntamente com a decodificação freireana e o distanciamento brechtiniano para corporificar as opressões e os problemas da comunidade de Nova Esperança. As respostas a estas questões tinham algo a denunciar. Maria Amélia e Márcia encontram no teatro dialógico um caminho para que esses jovens pudessem manifestar seus sentimentos e, além disso, levaram a esses jovens a possibilidade de uma discussão a respeito das possibilidades existentes em cada uma dessas situações.

4. CONCLUSÕES

O teatro na comunidade é, primeiramente, um itinerário de novas perspectivas, pois utiliza do diálogo para abrir alas para uma nova reflexão, para um pensamento crítico. Depois, é uma forma sutil e delicada para ser usada em processos de reconhecimento do próprio indivíduo na sociedade, visto que, não é

simples para qualquer ser humano, independentemente de seu contexto social, tornar seu olhar para si próprio, essa é uma tarefa de persistência e constância. Maria Amélia Gimmer Netto e Márcia Pompeo Nogueira provocam nosso olhar ao propor o pensar “historicizante”, possibilitando compreender o contexto social da realidade estudada. E ainda, por incluírem a este estudo, Brecht e Freire, com seus conceitos de distanciamento e descodificação, facilitam o trabalho de reconhecimento deste contexto.

“Enquanto presença na história e no mundo, esperançadamente luto pelo sonho, pela utopia, pela esperança, na perspectiva de uma Pedagogia crítica. E esta não é uma luta vã.” (FREIRE, 2014)

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRECHT, B. **Teatro Dialético**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1977.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

NETTO, M.; NOGUEIRA, M. Historicizando o Teatro em Comunidade. **NUPEARTE**, Universidade do Estado de Santa Catarina UDESC, v.8, p. 110 - 125, 2010.